

temas formativos



Para ser mais amada e observada por quantos a professaram, e conhecida por todos que se interessam pela espiritualidade franciscana, iniciamos neste número da Revista **Caminhos de Francisco**, a publicação da Regra da OFS

Capítulo I

A Ordem Franciscana Secular (OFS)

1. Entre as famílias espirituais, suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, a Família Franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, à maneira de São Francisco de Assis. Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, eles querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja.

2. No seio da dita família, ocupa posição específica a Ordem Franciscana Secular que se configura como uma união orgânica de todas as fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos e fiéis. Nelas, os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja'.

3. A presente Regra, após o "Memoriale Propositi" (1221) e após as Regras aprovadas pelos Sumos Pontífices Nicolau IV e Leão XIII, adapta a Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da Santa Igreja nestes tempos de acentuadas mudanças. A sua interpretação compete à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares.

(continua no próximo número)



Madre Clara: a nova beata portuguesa

O álbum dos beatos tem inscrito, desde hoje, mais um nome português: Madre Maria Clara do Menino Jesus, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC).

Depois de lida a carta apostólica pelo Cardeal Angelo Amato – representante de Bento XVI na celebração de beatificação de Madre Clara, no estádio do Restelo (Lisboa) – onde se refere que a nova beata foi "grande apóstola da ternura e da misericórdia de Deus" e tinha "profunda humildade", o prefeito da Congregação para as Causas dos Santos concedeu o título de beata à venerável serva de Deus, Maria Clara do Menino Jesus.

Antes do início da missa - presidida por D. José Policarpo, cardeal-patriarca de Lisboa - a miraculada Georgina Troncoso Monteagudo deu o seu testemunho sobre o milagre que obteve por intercessão da Madre Maria Clara, fenómeno que conduziu à beatificação da religiosa.

Após o ato penitencial (cântico do "Kyrie, eleison") e lida uma síntese biográfica da beata pela vice-postuladora da causa, irmã Maria Lucília Carvalho, decorreu o rito de beatificação de Madre Maria Clara que a coloca nos altares.

A beata Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque nasceu na Amadora, distrito de Lisboa, a 15 de Junho de 1843, e recebeu o hábito de Capuchinha em 1869, escolhendo o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

A religiosa foi enviada a Calais, França, a 10 de Fevereiro de 1870, para fazer o noviciado, com a intenção de fundar em Portugal uma nova congregação, que viria a ser aprovada pela Santa Sé a 27 de Março de 1876.

A Madre Maria Clara morreu em Lisboa em 1899, no dia 1 de Dezembro (data em que a memória da religiosa passará a ser evocada pela Igreja Católica)

LFS - Lisboa, 21 mai 2011 (Ecclesia)

A “MEDICINA” DA FRATERNIDADE

- Dialogando comigo mesma -

Hoje, como tantas outras vezes, o meu pensamento, depois de algum voltear, pousou na “Vida das Fraternidades”. Tenho visto atitudes bonitas que geram *estados de alma* serenos, alegres, pacíficos e pacificadores. Mas, por outro lado, tenho observado nalgumas delas, comportamentos que são reveladores e sintomáticos da existência de várias “doenças fraternas”.

Tal como as pedras que formam um muro, a Fraternidade é constituída por cada um de nós: com a sua *origem*, com a sua *forma de ser*, com a sua *história*. Se alguma destas pedras vivas “adoece”, enfraquece-a, fragiliza-a.

Entretanto, dou comigo a tentar interpretar os sinais das várias doenças.

Porém, de repente, a minha reflexão toma outro rumo. Os quesitos giram à volta do mesmo, mas o campo de observação é diferente: é cada um de nós, sou eu própria.

Prossigo na procura de sinais de “doença fraterna”, questionando-me: tu não estarás doente? Será que te conheces? Se não te conheces bem, como pretendes conhecer os outros?

Já o antigo filósofo grego aconselhava: “conhece-te a ti mesmo”.

Tem a coragem de fazer uma viagem ao mais profundo do teu eu.

Não queiras ficar mergulhada na noite da miopia, da ignorância e até da mentira, fechando os olhos ao teu universo interior.

Não tenhas medo, faz-te ao mar de ti mesma, para chegares ao mar dos outros.

Só assim poderás diagnosticar a tua “doença” e procurar o melhor remédio para combatê-la.

O conhecimento que procuras não deve limitar-se à tua personalidade, mas também às tuas características exteriores, físicas.

Conhecendo-te deste modo, conseguirás uma visão global e aprenderás, mais facilmente, a lidar com todo o teu ser: vertente interior – defeitos e

virtudes; vertente exterior – aparência física.

Após uma introspecção serena, toma consciência dos traços da tua personalidade mais negativos que te desgostam e te fazem sofrer.

Em seguida toma idêntica atitude face ao teu aspecto físico.

Tens em ti a capacidade analítica para o fazer.

Não entres em “inimizade” contra tudo aquilo de que não gostas. Seria agravares a tua “doença”.

Controla as tuas emoções. Não deixes que elas te controlem.

Pensa no antídoto para esse mal: inicia o salutar exercício de *aceitação de ti mesma*, tal como és.

Aqui está uma poderosa receita para a tua “medicina”.

Abstém-te de pensar naquilo que em ti não podes mudar. Mas, pelo contrário, coloca toda a garra, todo o empenho, o máximo esforço, nem que doa, em tudo o que, de facto, puderes mudar.

Eis aqui, o embrião da autocrítica.

Não teria sido por acaso que alguém afirmou, e eu corroboro por inteiro, que *o primeiro dom do Espírito Santo é a autocrítica*.

Aqui está um belíssimo remédio para a “medicina fraterna”.

Bem aplicado este, conhecerás de imediato estoutro: *“Adquirir a capacidade de acatar em paz, as críticas dos outros”*.

Tal atitude comportamental será não só, índice de maturidade, mas também de saúde e vitalidade.

Procedendo deste modo, estarás pronta para caminhar com o teu Irmão, na busca dos remédios, das receitas e da terapia a aplicar em cada um de nós e em todos, ou seja, na “MEDICINA” DA FRATERNIDADE.

Ir. Ana Reis, OFS

PARA A FORMAÇÃO DOS RELIGIOSOS

SOBRE O CONHECIMENTO E A ASSISTÊNCIA DA OFS

Introdução

Estas *Orientações para a formação dos Religiosos sobre o conhecimento e a assistência da OFS* foram elaboradas pela Conferência dos Assistentes Gerais da Ordem Franciscana Secular (OFS). Querem atender a necessidade sentida pelos Franciscanos, religiosos e seculares, de preparar-se melhor para “caminhar juntos nos caminhos do Senhor”¹.

Entre os franciscanos todos existe e deve desenvolver-se sempre mais um recíproco conhecimento e uma comunhão vital exigida pela pertença à mesma família espiritual². As várias componentes «podem e devem unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial» (*Vita Consecrata*, 54). Essa troca de dons «traz inesperados e fecundos aprofundamentos de alguns aspectos do carisma, reavivando uma interpretação mais espiritual do mesmo e levando a tirar daí indicações para novos dinamismos apostólicos» (VC 55).

A Regra e as Constituições da OFS³ repetem com freqüência o princípio da pertença à mesma família e se referem à comunhão vital e recíproca e ao dever da Primeira Ordem (OFM, OFMConv, OFMConv) e da Terceira Ordem Regular (TOR) de lhe prestar a assistência pastoral e espiritual. De fato, existe um duplo e substancial laço entre a OFS e Primeira Ordem e a TOR:

partilha do carisma comum:

A Regra da OFS fala de uma “comunhão vital e recíproca” que deve existir entre os seculares e todos os ramos da Família franciscana, a fim de tornar presente, de vários modos e formas, o carisma do comum Seráfico Pai na vida e na missão da Igreja (cf. *Regra OFS* 1).

assistência espiritual e pastoral:

Por força desta “comunhão”, segundo uma tradição secular, compete aos superiores da Primeira Ordem e da TOR garantir a assistência espiritual através de “religiosos idóneos e bem preparados” e

da visita pastoral às fraternidades da OFS (cf. *Regra OFS* 26).

A Ordem Franciscana Secular, no esforço de «renovar a própria vida, a própria formação e a organização das fraternidades», deve contar com uma Assistência espiritual atualizada e dinamicamente coordenada das outras componentes da Família franciscana na sua única missão. «As pessoas consagradas lembrem-se de que não-de ser primariamente guias especializados de vida espiritual, e, nesta perspectiva, cultivem o talento mais precioso: o espírito» (VC 55).

O Capítulo Geral da OFS de Fátima (1990) diz: «Quanto ao papel de animação dos próprios Assistentes espirituais, é necessária uma formação especial, isto é, uma preparação dos frades sobre a OFS. Esta preparação deve ser consciente e incorporada ao programa de formação – inicial e permanente – de todos os frades. Embora nem todos sejam ou venham a ser Assistentes espirituais, é certamente necessário que todos conheçam, compreendam e afirmem o papel verdadeiramente essencial da OFS na realização de sua própria vocação pessoal»⁴.

O Capítulo Geral da OFS de Roma (1996), nas suas conclusões, diz: «A Presidência, em colaboração com os Conselhos Nacionais, procurará tempos e modos para... estimular uma

formação mais profunda de todos os Frades sobre a OFS, a fim de que possam ajudar os franciscanos seculares a viver melhor a sua forma de vida»⁵.

As Ordens religiosas franciscanas, a quem compete o “*altius moderamen*”, não só aceitaram e incluíram o princípio da “comunhão vital e recíproca” na sua legislação, mas também os Ministros gerais e provinciais, através de cartas e várias intervenções, exortaram continuamente os frades a conhecer mais e melhor a OFS, exigindo dos Assistentes espirituais uma adequada preparação.

Estas *Orientações* são apresentadas a todos os religiosos franciscanos para que, possivelmente, as insiram nos seus “Programas de formação”, a fim de que reconheçam a OFS como parte da Família franciscana, na sua missão na Igreja e no mundo, e para a preparação daqueles que são chamados para o serviço de assistentes e animadores espirituais.

1 Cf. *Carta dos Ministros gerais por ocasião da entrega da Regra*, 4.10.1978.

2 Cf. *Estatuto para a Assistência espiritual e pastoral à Ordem Franciscana Secular*, Roma, 1992, n. 1.

3 Cf. *Regra* 1; *Constituições* 1,4; 85-91; 92; 94; 95.

4 Cf. *Conclusões do Capítulo Geral OFS*, Fátima 1990, in *Bollettino CIOFS*, XII, n. 2, 1990, p. 6.

5 Cf. *Koinonia*, n. 4; documento Internet <http://www.CIOFS.org/per/1996/lc96it28.html>

FORMAÇÃO DOS ASSISTENTES ESPIRITUAIS

Escola de Preparação

Os novos Assistentes e Animadores espirituais devem ter a possibilidade de se preparar para a sua tarefa específica. Não será demais se houver uma escola de preparação específica, a nível nacional ou supra-nacional. Entre os assuntos a tratar poderemos referir estes:

- História e fontes da OFS
- Visão da identidade específica da OFS
- Eclesiologia e OFS
- Espiritualidade Franciscana Secular
- O Franciscano secular na Igreja e na sociedade
- Valores Franciscanos da OFS
- Formação dos frades sobre a OFS

Aspectos práticos da assistência à OFS
A OFS e a JUFRA
Crianças franciscanas, Membros associados,
Amigos de São Francisco
Atualização dos Assistentes

Para a constante atualização dos Assistentes e Animadores, recomenda-se:

Cursos trienais de atualização; informação sobre a assistência, sobre os vários problemas que surgem e sobre o que acontece na OFS.

Leitura de revistas e órgãos de informação das diferentes Ordens relativos à OFS e à assistência, em nível nacional e internacional.

Conhecimento e troca de programas e de iniciativas entre os Assistentes Nacionais, como também entre Assistentes Regionais, sobretudo onde existe uma Conferência de Assistentes.

BEATRIZ DA SILVA UMA SANTA PARA OS NOSSOS DIAS A grande mensagem de Beatriz

“A insigne fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, a nobre virgem Beatriz da Silva, a quem hoje elevamos às honras dos altares, levanta-se como notável exemplar de piedade e ilustre testemunho da mais alta humanidade não somente para suas filhas, mas também para todo o povo de Deus; ainda mais, para todos os homens que sinceramente buscam a sabedoria e têm em grande estima o valor de uma cândida virtude; mas de maneira especial apresenta às sagradas virgens, que professam na Igreja a vida contemplativa, uma mensagem singular de vida virginal, onde também é enaltecido o estado das monjas que se consagram a Deus na solidão e no silêncio em assídua oração e perseverante penitência; confirma-se o espírito de oração e se ilumina claramente a excelência do inestimável tesouro escondido no campo, por cuja aquisição tudo se vende com alegria.” É com estas palavras que o Papa Paulo VI inicia a Bula de Canonização de Santa Beatriz da Silva, com a qual elevava esta virgem portuguesa à honra dos altares de todo o mundo.

No dia 3 de Outubro de 1976, raiou enfim a aurora de um dia há tantos anos esperado, não só pelas religiosas da Ordem da Imaculada Conceição, como ainda por todos os portugueses, o de ver subir à honra máxima dos altares a primeira Santa Portuguesa! Entre todas as mulheres portuguesas de todos os séculos, Beatriz foi a primeira

merecer o título de Santa. Ao lado das grandes mulheres que enaltecem a nossa história, passou a figurar desde então, brilhando sobre todas, a figura inigualável duma Santa.

E, perante este acontecimento pode surgir a pergunta: Porquê uma santa do século XV, que viveu e passou pelo mundo há algumas centenas de anos, só no século XX subiu aos altares?

Poderemos responder: Porque o Senhor nos seus altos desígnios tem destinado a cada época o santo que o mundo nesses momentos necessita, e nós hoje necessitamos ter ante os nossos olhos o exemplo de Santa Beatriz da Silva.

Assim também o Papa nos levava a questionar, na homília que proferiu na cerimónia de canonização da nossa santa, após ter partilhado um breve resumo da sua vida. “E agora, a alma detém-se a pensar, perante esta frágil figura de mulher velada que um certo hábito de mistério torna mais graciosa, e pergunta-se se ela tem uma mensagem para o homem actual, psicologicamente tão distante daquele mundo povoado de cavaleiros, príncipes e damas, o mundo em que ela nasceu. Sim, sem dúvida, devemos responder.”

No nosso mundo actual de materialismo, de imoralidade e de descalabro moral, neste mundo em que o sentido do Divino parece que foi relegado para segundo plano ou mesmo se esqueceu, era necessário que se desenrolasse pe-

